CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
À PALA DE CAMÕES
Em colaboração com a Estrutura de Missão para as Comemorações do V Centenário dos Nascimento de Luís de Camões, a Biblioteca Nacional de Portugal e a Associação Portuguesa de Escritores
4 de junho de 2025

CAMÕES / 1966

Um filme de FARIA DE ALMEIDA

Realização: Manuel Faria de Almeida (creditado como M. G. Faria de Almeida) / Direção de fotografia: Abel Salgueiro (não creditado) / Consultor literário: Prof. Hernâni Cidade / Narração (voz): Álvaro Benamor / Produção: Ministério da Educação Nacional, IMAVE – Instituto de Meios Áudio-Visuais de Educação, com a colaboração da Junta de Acção Social (Portugal, 1966) / Produção: Felipe de Solms / Cópia: DCP (Cinemateca Portuguesa, a partir da digitalização de materiais fílmicos em 16mm), preto e branco, falada em português / Duração: 13 minutos / Primeira (e única) exibição na Cinemateca: maio de 1983, no âmbito do ciclo "Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento".

ENTREGA DE UM BUSTO DE LUÍS DE CAMÕES / 1968

Um filme de ANTÓNIO CAMPOS

Realização, direção de fotografia e montagem: António Campos (não creditado) / Produção: Fundação Calouste Gulbenkian (Portugal, 1968) / Cópia: DCP (Cinemateca Portuguesa, a partir da digitalização de materiais fílmicos em 16mm), cor, sem som, 3 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

LUÍS DE CAMÕES / 2007

Um filme de RENATA SANCHO, HÉLDER MACEDO

Realização: Renata Sancho / "Por": Hélder Macedo / Argumento: Hélder Macedo, Renata Sancho, José Pinto Carneiro / Direção de fotografia: Mário Castanheira / Assistente de realização: João Pinhão / Operadores de som: Paulo Cerveira, Jorge Pereira / Montagem e correção de cor: Paulo MilHomens / Montagem e mistura de som: Hugo Leitão / Maquilhagem: Isabel Queiroga, Susana Abreu / Videotape: Catarina Nunes, Gonçalo Lopes / Guarda-roupa: Rosa Almeida Lima / Decoração e adereços: Vasco Eloy / Excertos de filmes: CAMÕES (1946, Leitão de Barros), ERROS MEUS (1999, Jorge Cramez), QUEM ÉS TU? (2001, João Botelho), GENTE QUE NÓS CIVILIZÁMOS (1944, António Lopes Ribeiro) / Com: Hélder Macedo, Sedutores (Vasco Silva, António Jardim), Lupanar (Arabela Simões, Bruno Ferreira, Edineia Torres, Jordanka Jordanova, Mark Malho, Olga Carvalho, Raquel Madeira, Vasco Eloy), Arruaça (Bruno Duarte, Miguel Fonseca, Paulo Guilherme, Luís Urbano), Jardim (João Matos, Elizabete Almeida).

Produção: RTP, executada por D&D Audiovisuais, baseado num formato da BBC Worldwide Productions (Portugal, 2007) / Produção delegada RTP: José Paulo Valente / Coordenação de produção: Maria do Carmo Moser / Direção editorial: Paulo Narciso / Produção executiva BBC: Duncan Cooper / Direção Geral: Bruno Cerveira / Produção: Beatriz Jarmela / Assistentes de produção: Corine Fernandes, David Cardoso, Rute Vareta, Sofia Machaqueiro / Cópia: digital, cor, falada em português / Duração: 45 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

TAPROBANA / 2014

Um filme de GABRIEL ABRANTES

Realização e argumento: Gabriel Abrantes / Consultor de argumento: Lasantha David / Direção de fotografia: Gabriel Abrantes, Natxo Checa, Lakruwan Withanage / Montagem de som: Hugo Leitão, Gabriel Abrantes / Efeitos sonoros: Daniel Gries / Misturas: Hugo Leitão / Interpretação: Jani Zhao (Dinamene), Natxo Checa (Luís Vaz de Camões), U. G. Punchi Banda (camponês), B. Wimalawate (camponesa), Lasantha David (vendedor de ópio), Gabriel Abrantes (autoridade portuguesa), Dhamika Amarashinghe (autoridade portuguesa), João Pedro Vale (Rei Filipe II), André Príncipe (pajem do Rei), Alexandre Melo (Petrarca), Gonçalo Pena (Homero), Mónica Talina, Ana Rita Lopes, Joana Pais de Brito, Andreia Marcelino (ninfas).

Produção: A Mutual Respect Productions, Vimukthi Jayasundara, CPH Dox:Lab, em colaboração com o Danish Centre for Culture and Development, FID:Lab Marseille (Portugal, Sri Lanka, Sinamarca, 1966) / Produção: Natxo Checa, Marta Furtado, Gabriel Abrantes, Vimukthi Jayasundara / Direção de produção: Natxo Checa (ZDB) / Produtores associados: Patrícia Drati, Tine Fischer / Chefia de produção: Marta Furtado, Joana Botelho / Cópia: DCP (Artifical Humors, rodado em Super-16mm), cor, falada em português, sinhala e espanhol / Duração: 23 minutos / Estreia: 10 de fevereiro de 2014, Festival de Berlim (Belinale Shorts) / Estreia nacional: 11 de julho de 2014, Festival Curtas Vila do Conde (Competição Nacional) / Estreia comercial: 4 de junho de 2015, num programa de curtas-metragens de Gabriel Abrantes, onde se incluíam os filmes LIBERDADE (2011) e ENNUI ENNUI (2013) / Primeira exibição na Cinemateca.

A sessão contará com a presença de Renata Sancho.

Quatro filmes, três curtas-metragens e uma média, três encomendas e uma ficção, um filme pedagógico, um registo visual, um documentário para televisão e uma sátira ao "príncipe dos poetas", eis-nos diante de quatro objetos que, cada uma à sua maneira, espelham os modos através dos quais a imagem de Camões passou, ao longo das últimas seis décadas, da figura mitológica à figura escatológica (no sentido popular, excrementício, mas também no sentido teológico, isto é, a "doutrina acerca das coisas que hão-de suceder depois do fim do mundo").

O primeiro filme da sessão, realizado por Faria de Almeida para o Ministério da Educação Nacional, em particular para o IMAVE – Instituto de Meios Áudio-Visuais de Educação. Este foi um instituto estabelecida por decreto de lei em 1964 que tinha por fim "promover a utilização, a expansão e o aperfeiçoamento das técnicas áudio-visuais como meios auxiliares e de difusão do ensino e de elevação do nível cultural da população". Realizaram-se, assim, inúmeros documentários de cariz educativo e/ou informativo que eram depois apresentados tanto em sala de aula como em coletividades e outros meios – quase sempre rodados em 16mm. Um dos realizadores mais recorrentes do IMAVE, durante o arranque da década de 1970, viria a ser Manuel Costa e Silva, membro do Partido Comunista. Esta "ambivalência" é igualmente verificada no caso de **Camões**, já que Faria de Almeida é convidado a realizar esta encomenda para o Ministério da Educação pouco depois da Censura do Estado Novo ter esquartejado **Catembe**, com mais de uma centena de cortes, proibindo-o de seguida (Manuel Costa e Silva foi operador de câmara nesse filme). Independentemente das razões que levaram a esse convite (inconsistência, incomunicação, método de manter sob controlo o meio intelectual?), o certo é que **Camões** está muito longe do cinema que Faria de Almeida vinha desenvolvendo. Trata-se de um filme composto quase integralmente por

reproduções de ilustrações que acompanhavam edições de *Os Lusíadas* ou de antologia da lírica camoniana. Faria de Almeida trabalha estas imagens a partir de uma dramaturgia introduzida pelo *zoom*, pelas panorâmicas e pela montagem. O que surpreende, neste filme algo anónimo, são as poucas imagens de exteriores, nomeadamente as vistas do bairro de Alfama e, de forma mais lírica, como Faria de Almeida "ilustra" o soneto *Alma minha gentil, que te partiste* com umas panorâmicas filtradas por pinheiros, em que uma figura feminina, ao *ralenti*, percorre os trilhos da floresta – aí, nesses planos breves, entrevê-se o olhar do realizador, o mesmo olhar com que filmara o bairro e as gentes de Maputo.

O segundo filme da sessão é igualmente um filme de encomenda. Durante breve trecho, a Fundação Calouste Gulbenkian empregou António Campos como "repórter de imagem" que tratava de acompanhar os vários eventos da Fundação. Campos filmou o incêndio no antigo auditório (1964), a construção do Centro de Biologia em Oeiras, promovido pela Fundação (1967), a festa de Natal dos funcionários (1968), a construção do novo edifício da Sede (1969), várias exposições e inaugurações (*Arte Portuguesa, Raul Lino, Arte Francesa, Portugal e a Pérsia, Arte do Índio Brasileiro, Rodin, Chagall, Ouro do Peru, Instrumentos Musicais Populares Portugueses*…) e o 20.º aniversário da morte de Calouste Gulbenkian (1976). São, na maioria dos casos, meros registos de cerimónias (ainda que, nalguns casos, os filmes se autonomizem, com especial destaque para **Chagall – Breve a Lua, Lua Cheia, Vai Aparecer**, de 1966). O presente **Entrega De um Busto de Luís De Camões** é isso mesmo, uma reportagem (em 16mm colorido, mas sem som) da apresentação de uma escultura do poeta, que ficou em exposição no Centro Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris. A graça deste pequeno registo está no modo como a verve "antropológica" de Campos rapidamente o lança para um cinema de observação, onde o que interessa é menos a cerimónia e mais a audiência que nela participa. Campos diverte-se a filmar as pessoas elegantes de copo em riste e a forma como as pessoas mudam de postura quando se sentem filmadas, transformando uma "cerimónia solene" numa análise etnográfica da *socialite* parisiense.

O terceiro filme da sessão, por sua vez, corresponde igualmente a uma encomenda, desta feita da RTP. **Luís de Camões** surgiu no âmbito de um conjunto de documentários que a televisão portuguesa encomendou a várias de realizadores para o programa "Os Grandes Portugueses", o concurso que a RTP lançou em 2006 para a eleição do "maior português de sempre" – e que viria a ser atribuído a António de Oliveira Salazar com 41% dos votos dos espectadores. O modelo deste *formato* vinha da BBC ("100 Greatest Britons") e tinha Maria Elisa Domingues como apresentadora. Aliás, o documentário de Renata Sancho foi assim exibido, com uma introdução e um posfácio da jornalista (versão que não se mostrará hoje…). Para refletir sobre a figura de Luís Vaz de Camões, Sancho trabalhou com o professor e escritor Hélder Macedo que, na introdução do documentário, começa justamente por defender que o poeta "tem sido usado, ao longo dos séculos, para simbolizar as mais contraditórias ideologias: a fé, o império, a República, a ditadura de Salazar, as guerras coloniais, e agora até a nossa atual democracia – o que sempre é melhor". O investigador serve-se disto para afirmar que, independentemente de toda a ganga ideológica com que se procurou recobrir Camões, este é – a seu ver – "o pioneiro da moderna consciência universalista" acrescentando que "na obra de Camões há uma conceção globalista do mundo, baseada no encontro entre diferenças". É a partir deste ponto de vista que a realizadora procura contornar o retrato hagiográfico do poeta, evitando aquilo que "a 'pudicisse' oficial tem procurado neutralizar" (citando e parafraseando de novo Macedo). Assim, entremeando os monólogos de Macedo, Renata Sancho retrabalha imagens de arquivo (onde se inclui do próprio cinema português – Leitão de Barros, Lopes Ribeiro, Jorge Cramez) e encena divertidos *gags* anacrónicos (Lisboa contemporânea, roupa de época) onde se especula sobre a vida boémia do poeta, à luz das vivências contemporâneas, fazendo de Camões um homem como os outros, tão genial quanto imperfeito. É um gesto simples, mas particularmente desarmante – ainda para mais no contexto em que foi produzido.

É nesse sentido que se chega a **Taprobana**, a décima primeira curta de Gabriel Abrantes que surge num momento de transformação da sua obra. Abrantes é um desses realizadores com uma produtividade que quase nenhum outro realizador nacional contemporâneo consegue acompanhar (só talvez Salomé Lamas). Por isso, o conjunto das suas obras vai-se torneando à medida que faz os seus filmes (à cadência de dois por ano, mais coisa menos coisa), iluminando facetas que se supunham escondidas e ultrapassando fixações antigas. Olhe-se para a obra completa de Abrantes e rapidamente se percebe que há um momento de viragem (não só é narrativa, mas também, e acima de tudo, estética) marcado pelo filme **Ennui Ennui** (2013), o filme imediatamente precedente a **Taprobana**. Embora haja uma oscilação entre as duas velocidades da sua obra, é evidente que a introdução de efeitos digitais, a apropriação de uma estética vinda do *mainstream* norte-americano, a claridade das histórias e dos planos e enquadramentos, a introdução da sátira e do humor enquanto instrumentos de reflexão sobre os grandes dilemas da contemporaneidade marcaram uma cisão (não total, é certo) com a primeira fase da sua obra, mais próxima da videoarte e do *performativo*. **Taprobana** é um filme de transição, que conserva o materialismo onírico de **A History of Mutual Respect** (2010), as revisitações históricas de **Palácios de Pena** (2011) e – em particular – de **Fratelli** (2012), anunciando já aquele que viria a ser um trabalho sistemático sobre os géneros cinematográficos (o documentário, o terror, a comédia, a ficção-científica, o filme de época, o filme etnográfico) que surgem sempre miscigenados pelo olhar *pop* da cultura e do cinema de Hollywood. **Taprobana** é uma provocação, claro, um exercício iconoclasta que tem como objetivo estripar a mitologia em torno de Luís Vaz de Camões. Para isso, o realizador recorre a todos os métodos da iconoclastia, a descontextualização, a vulgaridade, a ressignificação, o anacronismo, a fantasia e o realismo. O resultado é um retrato debochado de um homem que, como esclarece o realizador, ainda "é apenas um homem ao serviço da corte portuguesa" e não um "herói nacional". Ei-lo.

Ricardo Vieira Lisboa